

Lembrai-vos de 1978 e da Billings ²⁹

RUBENS GOMES

Editor de Cidade

A memória do povo é curta e a das autoridades, mais ainda, especialmente quando os recursos são escassos para repartir o bolo entre tantas obras — umas, realmente indispensáveis, outras solicitadas insistentemente por políticos influentes. O caso do Lago Paranoá, porém, não pode ser olhado pelo prisma da dependência de "pistões" ou ser considerado uma obra capaz de dar votos ou deixar de dá-los. É uma obra realmente indispensável à própria sobrevivência da cidade.

O que ocorreu na semana passada na represa Billings, em São Paulo, quando milhares de peixes morreram sufocados por falta de oxigênio causada pela excessiva poluição, pode se repetir no Lago Paranoá, e ninguém poderá dizer que não foi avisado. O incrível, no caso paulista, é que mais de três milhões de pessoas se abastecem das águas da Billings e as providências adotadas até hoje foram meramente paliativas.

São paliativas também as medidas adotadas pela Caesb para conter a poluição do Paranoá, pois a empresa não tem os recursos indispensáveis à execução do seu Programa de Despoluição, cujo custo, a números de hoje, sobe a Cr\$ 100 bilhões em quatro anos. Para 1984, a Caesb dispõe apenas de Cr\$ 8 bilhões alocados pelo Governo do Distrito Federal. Dinheiro da União, até agora, nada. E nem se espera muita coisa, considerando que Brasília não tem representação política, logo, não tem votos no colégio eleitoral, que se transformem em verbas, convênios e contratos de obras.

O que se pergunta é se as autoridades federais permitirão a repetição dos problemas de 1978, quando Brasília, de repente, se transformou na cidade mais malcheirosa do Brasil. Se alguns escândalos emergentes cheiravam mal, o odor pelo menos não penetrava diretamente nas narinas da população. No caso do lago, foi diferente. Era como se todos

os escândalos registrados no País desde o Império tivessem se unido para mostrar aos brasilienses uma realidade que precisava mudar.

Medidas paliativas — sempre elas — melhoraram a situação do lago e o mau cheiro sumiu. Mas o problema permaneceu e se agravou. Estamos, hoje, realmente na iminência de amanhecermos com o lago coalhado de peixes mortos, a exemplo da Billings na semana passada. E o mau cheiro invadindo o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional, a Esplanada dos Ministérios, as embaixadas, os clubes, luxuosos hotéis, a Granja do Torto, o escritório dos presidenciáveis no Setor Comercial Sul. Será que, então, pressionadas pelas próprias narinas, as autoridades terão sensibilidade para liberar os recursos que o lago exige? Ou mais uma vez recorrerão a paliativos, transferindo o problema para depois da escolha do sucessor do presidente Figueiredo, nas urnas ou no colégio eleitoral?